

A CIÊNCIA ESTÁ NO JORNALISMO¹

Luciano Victor Barros Maluly²
Dennis de Oliveira³

Resumo: Os estudiosos em jornalismo sempre procuram alternativas para solucionar os problemas de pesquisa. A busca é difícil e, para isso, aplicam ou adaptam métodos, técnicas e conceitos das demais áreas do conhecimento, como a filosofia, a psicologia, as letras/linguagem, entre outras. Nesse contexto, paradigmas são estabelecidos dentro da teoria crítica, do *newsmaking*, da agenda-setting e assim por diante. São caminhos interdisciplinares tortuosos, justamente pela insegurança e desconhecimento daquela área, mas também seguros, porque existem referências de trabalhos já realizados. Ao pensar o contrário, os métodos jornalísticos de captação e produção também podem oferecer contribuições aos outros campos do saber, como é o caso do planejamento utilizado na reportagem. Logo, torna-se possível fazer os devidos ajustes de uma forma de conhecimento cristalizada na singularidade para a universalização da ciência.

Palavras-chave: Ciência do Jornalismo. Metodologia em Comunicação. Reportagem.

1. Introdução

O jornalismo sempre foi alvo de especulação na ciência, tornando-se um importante objeto de análise aos pesquisadores, dos linguistas aos psiquiatras. Afinal, as rotinas da produção jornalística e os impactos no público conduzem ao debate sobre algumas questões que incomodam os estudiosos de diversas áreas. Por isso, a interdisciplinaridade é também comum nas chamadas Ciências da Comunicação. Este ensaio conduz ao inverso dessa discussão, ou seja, revelando as contribuições do jornalismo à ciência, do conceito à técnica.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho **Comunicação, Cultura e Sociedade** do **Seminário Internacional de Tecnologia, Educação e Sociedade**, realizado pela Faculdade Tecnológica [Fatec] de Itaquaquecetuba, SP, no período de 27 a 30 de março de 2019.

² Doutor em Ciências da Comunicação e professor associado do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: lumaluly@usp.br

³ Doutor em Ciências da Comunicação e professor associado do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: dennisol@usp.br

A pretensão é a de agilizar a pesquisa documental e de campo por meio da produção da reportagem. Assim, o planejamento da pesquisa é traduzido conforme as fases da produção jornalística.

A construção do pensamento jornalístico passa por diversos pontos, do seu planejamento até chegar ao público. Espera-se sempre um retorno, porque, se a notícia não teve importância, o trabalho foi em vão. A ciência também passa por essas contradições, mas de forma diferente: muitas vezes, os resultados não precisam, mas deveriam chegar ao público. O que diferencia, de fato, o conhecimento produzido e disseminado pela narrativa científica é a sua aspiração a uma universalidade, enquanto que o jornalismo se concentra na singularidade dos fenômenos – por isto, o *timing* das narrativas científicas e jornalísticas são distintas, assim como a sua funcionalidade social. O ponto em comum é que as mensagens aproximam as pessoas e as fazem, simplesmente, compreender o lugar onde estão e o porquê dos fatos.

A respeito desta distinção entre o conhecimento proporcionado pela narrativa científica e a jornalística, nada melhor do que ler uma das mais importantes obras – se não a mais significativa –, que foi produzida no Brasil sobre o jornalismo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* (1987) é fruto da Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina pelo jornalista, professor e pesquisador Adelmo Genro Filho (1951-1988). O livro está disponível na página criada em memória e em nome do autor⁴. Uma releitura dessa obra pode ser encontrada no livro *Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo* (2015) do jornalista Felipe Simão Pontes, que também é professor e pesquisador da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná. A publicação é fruto da Tese de Doutorado defendida por Pontes também na UFSC.

Alguns pontos são cruciais e tornam-se uma constante na vida do jornalista: ele sempre será cobrado por escrever “bem” e ser conhecedor das “coisas”. Você poderia revisar o meu texto? Você sabe o que aconteceu? Qual é o presidente de tal nação? É assim que as pessoas veem os jornalistas,

⁴ Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm> Acesso 20 abr. 2019.

como um “sabe tudo”. E é, por isso, que esses profissionais se comunicam com as pessoas por meio de seu principal instrumento – os jornais. Se os jornalistas têm fama de sabichões, os cientistas também têm o seu estereótipo, o do Dr. Pardal, do curioso que sempre faz experiências em prol de uma nova invenção.

Mas o que aproxima o jornalista do cientista? A resposta é simples e direta: a pesquisa. E o que os distancia? A resposta é mais complexa: a funcionalidade das narrativas conforme se falou acima. Observa-se que o jornalista pesquisa o tempo todo, mas sem o rigor teórico-conceitual. Da mesma forma, o cientista escreve o tempo todo, mas sem se preocupar com a ampla disseminação daquele conteúdo. Logo, a notícia é prejudicada pela ausência de uma apuração mais detalhada e o artigo científico é falho pela linguagem difícil e até inacessível. O alerta científico ao jornalismo é o de colocar o relato sempre à prova, desconfiando e realimentando o processo periodicamente. Já a sugestão do jornalismo à ciência é a da escrita fácil, da simplicidade como ponto de partida para a divulgação das pesquisas.

Uma referência para essa discussão é a análise colocada pelo jornalista e professor emérito da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, Phillip Meyer. Na obra *The new Precision Journalism* (1991), ou *O novo Jornalismo de Precisão*, também disponível na internet, o autor defende que o jornalismo deve se aproximar dos rigores metódicos da ciência para garantir a qualidade. Por isso, o talento e a boa redação não são mais garantias de um jornalismo de qualidade em uma sociedade da informação. Uma interessante leitura sobre o pensamento e as obras do autor está na entrevista *Phiplip Meyer: o outsider que criou o Jornalismo de Precisão*, publicado na Revista Intexto (2017) pelas pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luciana Mielniczuk e Marília Gehrke. O autor também possui outras publicações de referência sobre esse tema, como o livro *Os jornais podem desaparecer? - Como salvar o jornalismo na Era da Informação* (2007).

O ponto inicial a ser discutido é o da *nomenclatura*, que é um dos principais obstáculos na vida de um jovem pesquisador, desde o projeto, passando pela execução, análise, publicação e discussão. Tema, objeto, *corpus*, problema, hipóteses, justificativa, metodologia, cronograma, entre

outros, são estruturas comuns que conduzem a uma organização das fases da pesquisa. Um universo de difícil compreensão e que dificulta o entendimento dos leigos e até dos acadêmicos. Já os termos do jornalismo também confundem em determinados momentos, mas estão mais próximos do público. Pauta, entrevista, notícia, artigo e reportagem são apenas algumas palavras usuais e de fácil entendimento. Assim, o jornalismo atinge diretamente o público, com contribuições significativas à divulgação científica.

2. Tema ou pauta

É pela *pauta* que se inicia o processo de construção de uma pesquisa em jornalismo. Após um determinado fenômeno é que a proposta começa a ganhar consistência. Desta forma, o tema da pesquisa é traduzido como *pauta*, conduzindo toda a investigação. Esta fase revelará o objeto de estudo e, assim, o trabalho começa com a coleta de dados, fator que determinará o *corpus* daquela pesquisa.

O conjunto de informações selecionadas, como as matérias divulgadas na imprensa, o contexto veiculado pelas publicações já existentes, as entrevistas primárias, as visitas de campo, entre outras, proporcionarão uma definição sobre o recorte a ser determinado pelo jornalista. Novos fatos vão surgindo e sendo relatados nos jornais, sendo este o material de análise.

O noticiário é imenso e revelador, mas cabe ao investigador constatar os momentos de impacto, escolhendo o *corpus* possível para a análise. Determinam-se os períodos, os canais e as notícias que serão selecionadas. A audiência é um dos fatores utilizados para a escolha do *corpus*, mas deve-se tomar cuidado, observando a origem da notícia ou mesmo a difusão, na mesma rede ou em vários meios. Desta forma, os jornais tradicionais ou mesmo com maior tempo e/ou espaço de exposição acabam ganhando a confiança do público que os “elegem como os donos da notícia”. Por isso, para algumas pessoas (inclusive estudiosos), um determinado acontecimento somente é notícia quando validado pela “mídia hegemônica”. Um erro que poderá prejudicar toda a pesquisa. O interesse é analisar ou escolher as diferentes

formas de conteúdo e, se possível, por periódicos com linhas editoriais diferenciadas. Logo, compreendem-se as variáveis de uma pesquisa, encontrando atalhos para quem antes só tinha um caminho.

3. Em busca de informações

Uma mesma notícia pode ser divulgada em vários canais pelo mesmo grupo ou por grupos diferenciados. A rapidez é a característica principal desta fase da reportagem (ou da pesquisa), sendo uma das contribuições mais importantes e reveladoras aos pesquisadores de outras áreas. Observa-se aqui também um dos principais problemas do jornalismo que é a *escolha das fontes*, que nem sempre são as mais adequadas para a pauta proposta. A desconfiança é uma arma e precisa estar sempre acesa na memória dos repórteres. A seleção de um documento ou de uma pessoa como fonte poderá determinar o trajeto a ser seguido e, assim, o importante é pensar no plural, como na ciência.

A pesquisa jornalística permeia uma atenção redobrada diante do documental e do oral. O jornalista descobre que as pistas estão nas entrelinhas e que nem sempre são visíveis. O conteúdo existente em imagens, áudios, textos, entre outros materiais de consulta, precisa ser verificado inúmeras vezes, assim como os depoimentos dos envolvidos. Além dos dados já divulgados, procura-se por informações, muitas extraoficiais e sigilosas, como os arquivos reservados ou censurados. Detalhes em posse de pessoas e de órgãos públicos e privados são vasculhados e, se possível, esclarecidos. O trabalho jornalístico começa a ganhar corpo, com a tradução/interpretação de dados complexos. Em pouco tempo, aquela notícia estará disponível também ao público, sem ser privilégio dos especialistas.

Um das fases mais interessantes do jornalismo é determinada pela presença do repórter no local do acontecimento. Em muitos casos, essas passagens são chamadas de intervenções, visitas técnicas, pesquisas de campo, entre outras denominações que justificam a reportagem *in loco*. São

momentos valiosos vivenciados pelo jornalista que, dessa forma, tem contato com as pessoas e os lugares. Observa-se um contexto investigativo do jornalista como pesquisador atuante que procura detalhes nos mais variados olhares, documentos e pistas. Talvez esta seja a fase mais complexa para os pesquisadores, incluindo os de Ciências da Comunicação, porque determina o enfrentamento entre o distante e o presencial, entre o pensamento e uma possível realidade.

Muitos estudos no jornalismo apresentam essa falha, com o pesquisador analisando o produto final (publicação/transmissão), sem conhecer a rotina dos repórteres que estão ou conviveram com aquela redação. Da mesma forma, estão os pesquisadores que conhecem apenas uma “realidade”, porque trabalharam ou estiveram em determinado meio, sem confrontá-los com outros universos de trabalho. Assim, caso exista a possibilidade, nada melhor do que a convivência com o objeto da pesquisa, como uma tentativa de reconstruir o passado e discutir o presente e, sem previsões, o futuro.

Uma das partes mais interessantes e comuns da cobertura jornalística é a *entrevista*. Mesmo antes de acontecimentos, como os fenômenos relacionados à natureza (das condições do tempo às da temperatura), esta técnica é utilizada para captar informações e, assim, construir a notícia. É como uma comprovação humana de que aquele fato existiu.

Durante a entrevista, o objetivo inicial é o de conversar com as pessoas para captar novas informações e também para esclarecer dúvidas sobre alguns documentos já analisados. No segundo momento, tem-se o contato direto com pessoas, sendo que muitas dessas são desconhecidas. Nem sempre o planejamento dá certo, ocorrendo confronto entre as perguntas e as respostas.

A terceira etapa é a mais interessante, quando é possível a interação entre o repórter e as fontes. Muitas vezes, o jornalista as escolhe, mas, em alguns casos, a própria personagem ganha corpo, por meio da consistência (e relevância) de seu depoimento. Ainda, a aura do protagonista é alimentada pelos depoimentos de outrem.

A penúltima e mais difícil etapa é a da comprovação das declarações, sendo estas realizadas por cruzamentos entre as provas e depoimentos, com

um debate, na maioria das vezes, sem a presença dos falantes. A última etapa é manifestada pelos recortes das falas, sendo observado o que é relevante e o que será descartado, principalmente as repetições de dados já averiguados.

Com a entrevista, surge a oportunidade para o pesquisador fazer o mesmo que o jornalista, ou seja, confrontar as suas verdades (ou ideais). Torna-se oportuno observar que a entrevista pode ainda ser casual, como num encontro inesperado ou por meio de um diálogo entre colegas e especialistas.

4. Entre o texto jornalístico e o científico

Outro ponto a ser discutido neste ensaio é com relação à escrita. Nem sempre os cientistas têm facilidade/habilidade para a *escrita*, o que dificulta o acesso ao texto especializado em determinada área. O jornalismo possui ferramentas fundamentais para a divulgação científica. Existem segredos simples, mas de pouca atenção da comunidade acadêmica.

Colocar somente o sobrenome de um autor (muitas vezes entre aspas, somente com a data e o número das páginas da publicação) diretamente no texto parece um desaforo para o leitor. Pelo menos a primeira vez, torna-se oportuno (e necessário) *credenciar o autor* dentro daquele universo. Cita-se o vínculo profissional, as principais pesquisas e publicações, a filiação em grupos ou institutos, a relação com o tema etc. O mesmo se observa em trabalhos institucionais, ou seja, as principais informações daquele órgão e dos responsáveis pela publicação precisam ser divulgadas, principalmente as contribuições relacionadas ao campo de pesquisa mencionado.

Uma outra questão relacionada aos autores é a de *situar as entradas (ou citações)*. Muitos estudiosos criam uma salada mista, como um vai e vem entre os autores, que são citados várias vezes no texto. Diante de diversos nomes e citações, o leitor já não sabe mais quem é quem. Quando há, no máximo, três autores citados ainda é possível compreender a ordem das falas; mais do que isso é quase uma tortura. Para facilitar o entendimento do leitor, separe, primeiramente, os trechos centrais relacionados a cada autor. Depois disso, confronte as ideias de cada um, sem exagerar no número de autores por

tópico. Em síntese, organize as ideias e os debates, sem recriar textos semelhantes às mesas-redondas que são transmitidas pelas diversas mídias depois dos jogos de futebol.

Diante das citações ou declarações torna-se essencial *contextualizar o tema e o pensamento do autor*. No jornalismo, geralmente se enfatiza a importância da declaração diante das demais partes do texto, justamente para manter a coesão e não deixar aquele ponto isolado. Por isso, tome cuidado ao colocar citações e frases soltas. Muitas vezes, o pesquisador deseja inserir algo que leu ou pesquisou para não perder aquele conteúdo ou mesmo para “teorizar” o seu trabalho. Parece que esse método engrandece o texto, mas o efeito é o contrário, porque é visível que o autor não o editou.

A repetição é um vício comum entre os investigadores, principalmente quando desejam justificar a relevância da pesquisa ou de alguns dados. Na área de humanas, a repetição é comum quando o responsável tenta consolidar uma ideia usando palavras-chave continuamente. Por isso, o processo de edição usado no jornalismo para limpar o texto, com a *retirada ou substituição de termos*, é uma saída para o problema. Verbos de ligação ou de declaração ou mesmo sinônimos podem ser usados, desde que não prejudiquem o entendimento do texto.

Os jornalistas sempre se preocupam em *contar uma história* que entretenha o seu público. Já os acadêmicos – por muitos anos – não se preocuparam com a questão do texto, com a linguagem sendo de acesso apenas para os especialistas. Todavia, o aumento do consumo das publicações científicas está mudando esse conceito. O objetivo agora é o de relatar as experiências desde o início do projeto, passando pela apresentação e discussão dos resultados até chegar às considerações finais sobre aquele estudo, da sua refutação ao impacto não somente na comunidade científica, mas na humanidade.

Assim como no jornalismo, o *texto científico precisa ter começo, meio e fim*, com o autor e suas referências sendo importantes elementos para a divulgação da pesquisa. A abertura determina o interesse do público e, desta forma, o título e os primeiros parágrafos são fundamentais para o

compartilhamento do que é mais importante na matéria. O principal é inserir a pauta no cotidiano, revelando a intersecção com o presente e a relação com o passado e o futuro (causa e consequência). Já os resultados são esclarecidos no meio do texto, confrontando dados e opiniões, como um ponto de apoio para a mensagem final. O desfecho é sempre aberto, sendo alicerçado pela análise crítica, justamente para que o texto sirva de referência para a interpretação de novos fatos que possam surgir.

Considerações finais

A publicação é uma das principais preocupações dos jornalistas. Independente do meio, os comunicadores desejam que aquela notícia chegue ao público, possibilitando o acesso ao conhecimento e, por conseguinte, os argumentos para o debate. Neste aspecto, acredita-se que quanto maior o jornal, maior a audiência. Porém, como já observado, nem sempre essa premissa é uma verdade. Muitas vezes, um artigo ou uma notícia específica terá mais impacto em um periódico com uma linha editorial definida ou mesmo pelo simples fato de ser divulgada por diversos meios ou entre pessoas com interesses semelhantes.

As pesquisas em Ciências da Comunicação trazem elementos essenciais para a compreensão do jornalismo e sua relação com os meios de comunicação de massa. O entendimento desse processo é fundamental para o sucesso da divulgação científica. A discussão atual observa que a *multiplicação do conteúdo independe do meio*, se analógico e/ou digital. Contudo, o rádio, a televisão, o impresso e a internet ainda atraem os estudiosos, por serem a base em torno dos diversos canais, e, com isso, muitas pesquisas ainda ficam restritas a apenas um meio.

Porém, existem outros estudos, mais completos e complexos, que se preocupam com o todo, ou seja, com as ramificações existentes em multiplataformas. Neste caso, se uma notícia é veiculada por um jornal impresso e este possuir um site, ambos devem ser estudados; o mesmo acontece quando o mesmo jornal pertencer a um grupo de comunicação, que

possui emissoras de rádio e de televisão. Ou seja, a notícia é analisada pelo conjunto e não isoladamente. O universo digital atraiu os estudiosos, justamente por ser uma novidade tecnológica, o que possibilitou uma ampliação dos estudos sobre jornalismo. Nesse contexto, o pesquisador precisar estar atento ao conteúdo, sem desassociá-lo dos canais.

O desejo de *mudar o mundo* é um clichê tão antigo quanto a própria existência dos jornalistas e cientistas, mas é o motivo que os leva a tentativa de melhorar a vida dos cidadãos. A luta é pelo acesso ao conhecimento e, assim, aos direitos básicos como o emprego, a saúde, a educação, a segurança pública, entre outros fatores essenciais à sobrevivência. E, dessa forma, talvez um dia, as pessoas consigam compreender o universo pelos textos publicados nos jornais diários e nos periódicos científicos.

Referências

GEHRKE, M.; MIELNICZUK, L. Phiplip Meyer: o outsider que criou o Jornalismo de Precisão. Entrevista. **Revista Intexto**, 2017, p.4-13. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/72228/41398> Acesso 11 jan. 2018.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm> Acesso 20 abr. 2019.

MEYER, Phillip. **The new precision journalism**. Nova Iorque: Paperback, 1991. Disponível em: <http://www.unc.edu/~pmeyer/book/> Acesso 11 jan. 2018.

_____. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na Era da Informação. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTES, F. S. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.